



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Ermelinda Cavinatto Giongo e Vanda Cavinatto Spiegeorin
FG172

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.002.SIN e TRA

Entrevistado/a: Ermelinda Cavinatto Giongo e Vanda Cavinatto Spiegeorin

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 23 de maio de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Imigração italiana: instalação em São Paulo; vinda e estabelecimento em Caxias do Sul; vida na Itália.

Fazendas de café (SP): presença de escravizados; sistema de trabalho.

Lazer e diversão: bailes (diurnos e noturnos); reuniões entre vizinhos (brincadeiras).

Vitivinicultura; Fazenda Modelo Ludovico Cavinatto: mudas, enxertos, preocupação com a melhora da qualidade do vinho; podas das parreiras.

Lazer e diversão (fins de semana): missa das dez; visitas de domingo.

Vida privada e familiar.

Trabalho na roça.

Relação de Ermelinda e Vanda com o avô contador de histórias.

Transcrição:

Susana: Seu nome?

Ermelinda: Ermelinda Cavinatto Giongo.

Susana: Data de nascimento?

Ermelinda: Dezesseis de setembro de 1905.

Susana: Nome de seus pais?

Ermelinda: Ludovico Cavinatto e Getúlia Cavinatto Bernardi.

Susana: Nome dos avós?

Ermelinda: É Ângelo Cavinatto.

Sônia: Dona Ermelinda, o seu pai veio da Itália?

Ermelinda: Veio da Itália com quatorze anos, o pai.

Sônia: E ele veio junto com a família?

Ermelinda: Sim, não, com a família do pai dele, né?

Sônia: Do pai dele.

Ermelinda: Eram quatro irmãos: duas irmãs e dois irmãos.

Sônia: E ele se estabeleceu onde?

Ermelinda: Em São Paulo.

Sônia: Que região de São Paulo, dona Ermelinda?

Ermelinda: Na cidade de Taquaritinga, que pertencia a Taquaritinga lá.

Sônia: E ele recebeu lote lá?

Ermelinda: Não, não. Ele foi trabalhar com os fazendeiros lá que trabalhavam na, na...

Sônia: Os fazendeiros de café?

Ermelinda: Sim, de café, isto mesmo.

Sônia: E ele recebia salário, como é que era?

Ermelinda: Não, lá, sabe, a vida era diferente de como é aqui.

Sônia: A senhora pode falar desse período de São Paulo, tudo o que a senhora lembra?

Ermelinda: Sim, bom, lá era assim, eles trabalhavam e no lugar eles recebiam, tinham um armazém, tudo, que fornecia mantimentos, e roupa de vestir, tudo junto. E nunca, nunca, dinheiro nunca viam, sempre, sempre continuavam trabalhando só com aquilo que recebiam. O ordenado deles era receber mantimentos, e o armazém, fazenda e tudo o que eles precisavam de vestir. Era assim a vida deles lá, né? Eles trabalhavam no café.

Sônia: Trabalhavam no café?

Ermelinda: No café, sim.

Sônia: E assim ele trabalhou ao lado de escravos, como é que era?

Ermelinda: Não, de escravo não. Mas naquele tempo ele viram que era, não eram todos os fazendeiros que tinham escravos nas fazendas. Então, tinha uns que não tinham, mas se via que

tinha tantos coitados que eles iam como escravos lá, que levavam comida com as carretas e levavam toda a comida assim num cocho, e comiam lá com as mãos.

Sônia: Comiam num cocho com as mãos.

Ermelinda: É, com as mãos. Que tinha batata-doce, botavam tudo, milho, botavam tudo junto lá.

Sônia: Como comida de porco.

Ermelinda: É, como comida de porco. E eles tinham que comer tudo com as mãos.

Sônia: E os imigrantes italianos também eram tratados assim?

Ermelinda: Não, não era tanto, não. É, mas tinha muitos que também tinham que se sujeitar também... junto.

Sônia: Muito imigrantes então passaram por isso?

Ermelinda: É, passaram por isto. Eles não passaram, mas tinham os patrões brabos lá, os fazendeiros lá, sempre cuidando da roça, e com... Como é que se diz? Com aquela açoiteira que surravam eles, se não trabalhavam direito.

Sônia: Até com os imigrantes era feito isso?

Ermelinda: Sim, até sim, fizeram.

Sônia: E dona Ermelinda, e o seu pai casou em São Paulo?

Ermelinda: Sim casou em... na cidade de Araraquara?

Sônia: Araraquara. E quando ele resolveu vir pra Caxias?...

Ermelinda: Foi... bom, eles estavam há quarenta anos lá, e depois de um tempo ele pegou uma empreitada de oito anos para fazer, formar o café. Então, até quatro anos o que vinha era tudo dele, mas tinha que dar o café formado já, que ali então começa, começava a colheita do café. A colheita do café então era, era tudo assim pro patrão. Então, eles recebiam só uma parte, eles lá, pouco. E terminou os oito anos, ele terminou tudo e veio uma geada muito forte aí por São João assim, então ele tinha terminado a empreitada dele, que era os oito anos, e então ele resolveu vir para o Rio Grande [do Sul]. Quando ele veio ver, primeiro, ele gostou, então veio para cá. Nós éramos em onze, em dez irmãos, e o *nonno* junto, o vô. E viemos pra cá. Em quinze dias ele veio ver e já voltamos. Ele já voltou pra cá com nós todos juntos. [risos]

Sônia: Ele veio e, então, voltou pra São Paulo?

Ermelinda: Sim, sim veio.

Sônia: Veio, voltou. Daí pegou a família e voltou pra Caxias?

Ermelinda: É, sim. Sim, quando ele veio, ninguém queria acreditar que nós vínhamos de tão longe assim. E o vô estava todo faceiro porque ele vinha para cá tomar vinho. Diz que o pai já sabia que era plantação de parreira. Ele gostava sempre daquilo, e começou assim a se plantar aqui.

Sônia: Que idade a senhora tinha quando chegou aqui?

Ermelinda: Quando cheguei aqui tinha treze anos.

Sônia: Treze anos. E que ano era, dona Ermelinda?

Ermelinda: Em 1918 nós viemos.

Sônia: Chegaram aqui em 1918. E que visão, que lembranças a senhora tem da cidade nessa época?

Ermelinda: Uma lembrança da cidade... Agora, quando eu olho a ferroviária, é ainda a mesma. Ali... eu passo de vez em quando, né? Não mudou nada. Agora, o resto mudou muito. Tinha bonitas parreiras, parreiras já brotadinhas...

Observação: A parte que segue só consta na gravação original Rádio São Francisco.

Ermelinda: Viemos em setembro. Era bonito quando se começou, mas a cidade era pequena. Pudera! Era tudo...

Sônia: E assim, em São Paulo ele não era proprietário?

Ermelinda: Não, lá não.

Sônia: E aqui ele comprou a terra?

Ermelinda: E aqui, depois ele ficou uns sete meses, o pai, nós ficamos de..., como é?, aluguel, ali onde é COHAB [Cooperativa Habitacional] mesmo.

Sônia: Ali onde é a COHAB

Ermelinda: É, sim. Ele tinha arrumado, antes de nós chegar, uma casa e tudo para nós vir, né? Então, depois ele comprou. Lá onde nós morávamos ultimamente. Então, tinha assim pra três anos. Ele tinha uma empreitada de serrar, tinha uma serraria, né? Ele tinha que cortar tudo à serra. Pra três anos ele tinha serviço só na serraria. Não podia nunca se meter a plantar parreiras, como ele gostava né? Ali onde que tem agora todas aquelas fotografias do meu pai, e nós junto também, né? [risos]

Sônia: E o que a senhora lembra desse local, da casa onde a senhora morou, quando a senhora chegou e foi morar?

Ermelinda: Ali era uma casa de tábuas, dessas bem antigas, mas bonita até, achava eu, sei lá. Tinha um pátio grande, a cozinha separada, longe, mais de vinte metros, eu acho. Longe, bonito era o lugar [risos]. Ali então, nós morávamos. Nós morávamos, nós moramos sete meses ali. Depois é que foi morar lá então, é porque nós fomos em setembro. Em abril do outro ano, nós mudamos para baixo, onde nós morávamos antigamente, agora.

Sônia: Vamos falar um pouquinho com a dona Vanda.

Ermelinda: Sim.

Sônia: O seu nome?

Vanda: Vanda Cavinatto Spiegeorin.

Sônia: A data do seu nascimento?

Vanda: Trinta de julho de 1916.

Sônia: O nome do seu pai então é?

Vanda: Ludovico Cavinatto e Getúlia Bernardi.

Sônia: A senhora chegou em Caxias também em 1918? Junto com seu pai?

Vanda: É, sim, junto.

Sônia: E dona Vanda que lembranças a senhora tem de Caxias nessa época?

Vanda: Olha, eu logo não tenho lembranças, porque eu era muito pequena, né? Mas depois me lembro bem quando inauguraram o quartel, me lembro bem que o pai levou nós para vermos o quartel, como que tinha feito e tinha várias coisas em exposição. Me lembro que tinha um relógio, que quando ele batia as horas, ele abria umas portinholas e dava a lua e as estrelas, e dava a hora assim. Aquilo encantava a nós pequenas, de ver aquilo.

Sônia: E a senhora, dona Vanda, junto com suas irmãs, ajudava os seus pais a trabalhar na roça?

Vanda: Ajudava na roça. Até que éramos pequenas, nós íamos pra colônia, né? Tinha um pequeno colégio. Nós íamos até o meio-dia para aquela escola, e de tarde até que era mais pequena, tinha que ajudar a mãe em casa a tratar da bicharada, aprontar a água, a lenha, porque nada disso tinha dentro de casa. Tinha que por..., buscar a água de balde. E depois, quando a gente tinha mais idade, então, vai na enxada trabalhar na roça.

Sônia: Mais ou menos com que idade vocês começaram a trabalhar na roça?

Vanda: Ah, com treze, quatorze anos, já tinha que pegar na enxada.

Sônia: Na enxada.

Vanda: Na enxada.

Sônia: E, assim, outras coisas que vocês aprendiam? Ensinavam a costurar? Como é que era isso?

Vanda: Bom, essa Ermelinda que está aqui, ela sabia um pouco, mas eu acho que ela foi aprender um pouco. Tinha uma vizinha nossa lá que sabia costurar um pouco e, depois, passavam pra nós, né?

Sônia: Uma ensinava a outra?

Vanda: Uma ensinava a outra.

Sônia: E como é que eram os fins de semana, dona Vanda?

Vanda: Ah, o fim de semana! Bom, no domingo a gente, uma ou outra, a gente sempre ia à missa, porque de lá onde nós morávamos até a catedral, eu acho que tem uns seis ou sete quilômetros, então... animal para todos não tinha, né, então, uma sempre vinha à missa, que era toda a turma que vinha de lá. Todos a cavalo naquela época, e ia quatorze, quinze, vinte, às vezes, tudo junto assim. Na hora que largava da missa, vinham...

Sônia: Ah, vocês vinham até a catedral?

Vanda: Na catedral. Não tinha só a catedral na época, né? E ali no Magnabosco, que ainda tem hoje o Magnabosco, ali tinha os lugares para amarrar os animais. Tinha uns ferros apropriados ali para amarrar. E, também, de tarde, às vezes, tinha os bailezinhos, assim, da colônia, com uma sanfona que tocava lá e a gente dançava. Às vezes tinha também de noite algum baile, que tinha as festas, conforme o lugar tinha as festas.

Observação: continuação da entrevista gravada.

Vanda: ...um bailinho e a gente ia, ia de noite. O pai, ou os irmãos acompanhavam nós, porque sozinha nunca a gente saía, sempre tinha que ser acompanhada, de noite. Agora, de tarde sim, a gente ia até duas, três, porque nós éramos em quatro irmãs. E depois sempre tinha alguma amiga, dali dava para ir de tarde. Mas de noite, quando o baile era de noite, tinha que ser acompanhada, ou pelo pai ou os irmãos acompanhavam.

Sônia: E dona Vanda, a senhora tem lembranças do que o seu pai falava de quando ele chegou aqui? De como ele via a cidade, os sonhos dele e como era viver em São Paulo, e como era viver aqui?

Vanda: Agora, aqui ele gostava mais, porque eles tinham serviço pesado, mas tinham também umas regalias, sabe? Porque a época de frio, que tinha os passarinhos, eles faziam umas passarinhadas, e passavam assim umas noites muito bonitas, com os compadres, com os vizinhos e cantavam e faziam brincadeiras. Até vestiam um, botavam um pelego bem grande, que aquele era mais adaptado para isso, né, e aquele que era o urso. Então, faziam dançar o urso [risos]. Eles gostavam, assim, de brincadeiras também, gostavam e cantavam. [Foi] Onde surgiu a canção da América, essa da Itália, né, que cantavam: *Da l'Italia noi siamo partiti*.... Saiu de lá esta canção da América, da Itália. E cantavam e brincavam, e tudo isso faziam, até de madrugada ficavam brincando.

Susana: Dona Vanda, a senhora se lembra de alguma história que seus pais ou avós lhe contaram de como era a vida lá na Itália?

Vanda: Agora, lá na Itália, mais que eu lembro era a mãe que contava. Que era assim, que viviam, no inverno, por exemplo, no verão não sei, ela não falava do verão, mas no inverno, tinha uma casa bem grande, era que nem um albergue, entendo eu que era, né? Então, dos lados botavam os animais para se agasalhar porque com a neve também não podiam deixar os animais fora, no relento, e no meio tinha um salão enorme onde se reuniam as mulheres e os homens. As mulheres, cada uma, ou remendava ou fazia tricô ou filava. Não sei se sabem o que é filar? [risos]. Faziam o fio, né, de linho, para depois fazer o pano, para fazer os lençóis, fazer roupas para eles. E os homens de certo também tinham algum entretenimento, mas eles mais contavam bobagens, e era anedota, e era, assim, histórias inventadas. Ah, a mãe contava isso aí. E o *nonno* contava as histórias, que eles contavam lá, para nós, gurizada. Eles botavam nós no joelho e contavam as histórias deles. Mas só que...

Sônia: As histórias da Itália?

Vanda: Da Itália, sim. Como se fosse o tipo da Branca de Neve.

Sônia: Ah..., tá.

Vanda: Historietas assim ele contava pra nos entreter.

Sônia: E ele nunca falou porque ele veio da Itália?

Vanda: Porque eles passavam muita miséria lá. Diz que não tinha comida suficiente pra comer, muito, muito. E não tinha lenha pra se aquecer também. E a comida também tinha que ser feita muito às pressas porque não havia lenha suficiente. Diz que nem polenta suficiente não tinha pra comer, tinham que repartir.

Sônia: E como é que eles conseguiram dinheiro pra viagem?

Vanda: Mas eles vieram de imigração. É, o governo, eu acho que o governo daqui que pagava, ou o de lá. Não sei se o de lá era pra diminuir a população, ou se eram juntos, talvez, né? Também não sei explicar bem como é que foi.

Sônia: Ele contava algum episódio que aconteceu durante a viagem?

Vanda: Olha, isso eu não me lembro, se tivesse contado alguma coisa... Não, não posso dar esta resposta. Não me lembro que ele tivesse contado alguma coisa.

Sônia: Dona Vanda, se a senhora tem mais alguma coisa que gostaria de falar, das suas lembranças, do seu pai? Se a senhora quiser falar da Fazenda Modelo também, pode falar?

Vanda: Olha, o meu pai era muito caprichoso, muito mesmo. O que ele tinha de fruta que dava aqui na nossa zona, ele tinha. E parreira, nem se fala, porque ele tinha uma variedade, eu acho que ele tinha mais de trezentas variedades de uva, lá na nossa colônia. Primeiro ele só fazia a *isabel* e..., como é?, a *seibel* n.º 2 [risos]. No início ele fazia esses vinhos. Mas depois ele começou com enxerto. Daí [começou a plantar] tudo o que era qualidade, tanto viníferas como uva de mesa. Então, tinha as especiais viníferas, para fazer vinho, e tinha especial para uva de mesa. Ali ele fazia o vinho. Ele sempre fez vinho, que nunca mais tomei vinho bom como fazia o meu pai, porque hoje não se toma mais vinho de uva [risos], de pura uva, como ele fazia, né? E ele, com nós, ele foi muito bom pai, só que ele era muito severo. Assim, ele não era que nem hoje que fazem mil bajulação para a criança, não. Eu nunca me lembro de ter sentado no colo do meu pai. Mas ele era um pai muito bom para nós, e a mãe também. Só que a mãe, sabe, lida mais, tem que segurar um pouco mais, porque a turma que nós éramos, não era fácil também, né?

Sônia: Dona Vanda, seria legal a senhora falar dessa Fazenda Modelo que seu pai criou.

Vanda: Da fazenda?

Sônia: O que ele fazia lá, as experiências dele?

Vanda: Ele fazia as experiências dele, né? Quando ele queria ter uma novidade de uva, ele foi até São Paulo, que tinha lá em Campinas várias qualidades de uva. Então, de lá ele trazia e no Campo Experimental [Estação], na época era o Dr. Celeste Gobbato, que tinha a Estação Experimental aqui

em Caxias. Então, em combinação com ele, ele arrumava essas variedades diferentes, e dali ele fazia os enxertos e fazia as mudas pra vender. Inclusive, eu ajudei bastante, porque era na época, principalmente antes de eu casar. Então, ele tinha uma turma que vinha enxertar e trabalhavam ali em casa mesmo. Ele fazia todo esse trabalho de enxertia para ter as qualidades, a variedades pra vender e pra fabricar um vinho melhor. Ele sempre procurava fabricar um vinho melhor em qualidade.

Sônia: Então, ele lutou pela melhoria da qualidade do vinho.

Vanda: Sim, pela melhoria da qualidade do vinho. E, inclusive, ele fazia parte da Associação Rural, ele fazia parte da vinícola. Ele tinha um encargo lá dentro, dessas instituições. Sempre para poder melhorar a colônia, né? Ele ia fora para a colônia ensinar a podar, porque ele tinha uma mão para isso que..., eu acho, não sei, poucos tinham na época, decerto, agora está mais moderno e tudo, né? Mas ele ia para as colônias ensinar a fazer a poda das parreiras, tanto a poda seca como a poda verde, porque a gente tem que fazer a poda verde também na parreira, porque elas fazem muitos brotos. Então, tem que tirar, tem que deixar um, dois, ou três, no máximo. Então, da menos uva, dá um cacho bonito e mais saudável. Então, ele fazia esse serviço também.

Sônia: E ele ensinava...

Vanda: Ele ensinava para os outros para produzir uma qualidade melhor, para fazer um vinho melhor.

Sônia: A senhora tem mais alguma coisa, dona Vanda?

Vanda: O que eu vou te contar... É, acho que...

Sônia: Eu vou ver se a dona...

Vanda: Se a Ermelinda tem mais alguma coisa, ela...

Sônia: Dona Ermelinda, nesse meio tempo a senhora lembrou mais alguma coisa que gostaria de falar?

Ermelinda: Vou lembrar, vou dizer o quê, meu Deus, a mais? Que a nossa Fazenda Modelo lá [risos]

Sônia: Pode ser.

Ermelinda: Era lindo, sabe. Todos os domingos nós tínhamos visita. Nós éramos uma família cheia de visitas, como tem na fotografia ali, em casa eu tenho a mesma. Ali, a nossa alegria, era passarmos os domingos juntos. E sempre, o pai também, sempre era de trazer gente em casa, sempre, a mãe faceira também. Então, eu fazia a comida, a mãe dizia: “Deixa, deixa que eu fico!”,

“Mãe, fica lá com as visitas, que fico eu fazendo a comida”. Então, estávamos, nós, irmãs, lavando a cozinha, direitinho, lidava, aprontava tudo. Quando era o tempo da uva, então se aprontava o *sugulo*, aquele, né? Tu sabe qual é?

Sônia: Sim, o *sugulo* é o creme, né?

Ermelinda: É o creme de uva. Todos gostavam. Então, uma aprontava uma coisa, outra os grostoli, e todas essas coisas nós aprontávamos para as visitas. Ficava pronto no sábado, deixava pronto, e no domingo nós tínhamos as visitas. Tinha a Dona Adélia Triches também, que vinha sempre com toda a família. Eu tenho uma fotografia linda lá em casa com toda a família: a Olga, a Ilda, todos os filhos dela, os filhos do seu João Triches, tudo. Eu me dava muito bem com eles. Eles me queriam até por filha... aquela gente, sim. Eu dizia: “Não, não, eu não vou largar os meus pais para ir com outros”. Mas eu gostava daquela gente. Nossa!

Sônia: Então, nos domingos era uma alegria por causa das visitas?

Ermelinda: Era uma alegria sim. Sempre, era sempre uma alegria ter gente em casa, para dizer a verdade, não é mentira, nem nada. Nós éramos sempre alegres com visitas. A gente também ia lá na cidade. A família Bertelli também, aqueles eram compadres do pai e da mãe. Nossa! Como eles gostavam. Até o dia de hoje a gente se dá com os filhos e tudo. Tem coisa, o que eu vou dizer, que talvez tanta coisa a gente não lembre agora de dizer.

Susana: Dona Ermelinda, a senhora era a irmã mais velha?

Ermelinda: Era a mais velha, porque tinha a outra mais velha, mas depois fiquei eu, que eu era a terceira da...

Susana: E a senhora cuidava dos menores? Eles lhe davam muito trabalho?

Ermelinda: Cuidava. Ah, na roça eles me davam um pouco de trabalho [risos]. E o pai dizia “Se não trabalha me manda para a casa”. Tinha o meu irmão, se escorava na enxada e dizia “Ah, tô cansado”, e olhava as horas. Eu dizia “Não, é cedo ainda!”, e ele ia se escorar de novo, e abria a boca. Olha, um dia eu disse assim: “Olha, tu vai pra casa tá, que lá em casa tu te arruma com o pai”. [risos]

Sônia: A senhora controlava todo mundo na roça?

Ermelinda: Sim, era... ele me dizia: “Se não trabalha me manda pra casa!”, porque ele ficava na serraria e não podia, coitado, vir junto. Uma vez que outra ele vinha, mas muito pouco.

Sônia: E na roça só trabalhavam as pessoas da família?

Ermelinda: Sim, só da família.

Sônia: Não tinham empregados?

Ermelinda: Não, nós não tínhamos empregados. Nós carregávamos aqueles sacos de... Depois a outra minha irmã dizia assim: “Se tivesse um fio de arame, nós pendurávamos esses sacos e levávamos as espigas de milho lá embaixo”. Que bom que seria! Era tudo brincadeira que a gente dizia, né. Então, subia e descia com esses balaio grandes nas costas. E tudo como a gente podia fazer. E o trigo? Tinha aquelas pernas que era triste. Naquele tempo nem se usava eslaque, nada, chegava lá com os vestidos que às vezes encravavam nos tocos ali da..., que a gente ia pra roça. Quando era de noite, às vezes, a gente ia dançar, brincava, tudo assim. Era sempre uma alegria na nossa família, de serviço. Em casa, então, eu olhava de arrumar em volta, plantar flor, roseira..., de tudo nós plantávamos ali em volta. Ficava bonito! Camélia, tudo nós plantávamos..., cravo. E agora está tudo desleixado lá. Meu Deus, como ficou a nossa casa!

Susana: Que lembranças a senhora tem dos avós?

Ermelinda: Meus avós, eu conheci só um, que é aquele que tem aí na foto. Só um, os outros eu não conheci nenhum. Foi um avô bom, bom pra nós que nem sei. Ele era querido, sabe. Ele contava tantas histórias. Ai, que histórias lindas que ele contava!

Susana: Que histórias ele contava?

Ermelinda: Histórias assim... como é que eles diziam em italiano? *Le storie del nonno*.

Sônia: Contos de fada.

Susana: Contos de fada? Branca de Neve?

Ermelinda: É. Mas bonitas, sabe, ele contava. Ih, daquelas compridas, a gente ficava ali encantada e escutava, escutava... E tinha vizinho, um ou outro, que vinha sempre lá escutar e dizia: “*Nonno* conta outra, *nonno* contra outra!”. Enfim, ele sempre contava, não cansava nunca. Não sei, ele sabia tanta, não sei que memória que ele tinha, que ele não tinha esquecido de nada. Ele trouxe tudo da Itália aquelas coisas, porque aqui não se tinha essas coisas. Mas era lindo, e o *nonno* bem querido. Nós só temos lembranças boas do *nonno*, e do nosso passado também, lá junto com a nossa família. Digo a verdade, quantas vezes eu lembro! Eu não posso esquecer a nossa família junta. Ainda o dia de hoje nós estamos todos unidos ainda.

Sônia: Que bom, né, dona Ermelinda.

Ermelinda: É bonito mesmo. Só os irmãos que se foram todos, estamos nós quatro ainda aqui. Quatro, três agora, quatro com a outra que está lá em São Paulo, então aquela nem se pode contar. Também, coitada, ela é doente, né?

Sônia: Uma ficou em São Paulo?

Ermelinda: É, ela ficou no tempo que nós viemos para cá. Ela ficou.

Sônia: Então tá, obrigada, dona Ermelinda.

Transcrição em: agosto de 1995.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão em: 22 de dezembro de 2010, 02 de janeiro de 2025 e 04 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 20 minutos.

Observação: